

LIBERDADE SEXUAL FEMININA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE FOUCAULT E FRASER

MARINA MARIN WAILLA¹;
AMANDA NETTO BRUM².

¹FURG – *marinawaila@hotmail.com*

²FURG – *amandanettobrum@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Observando a necessidade de repensar o conceito de liberdade sexual feminina, pretende-se abordar a resignificação, promovida pelo neoliberalismo, dos ideais feministas da segunda onda (FRASER, 2009) e questionar a vertente feminista liberal que se une aos produtores da indústria da pornografia por considerar ser ela o melhor caminho para as mulheres alcançarem a liberdade de expressão sexual. A pesquisa em questão, almeja, através dos estudos pós-estruturalistas e da teoria crítica, provocar a reflexão a respeito da mudança de poder que passa de um controle-repressão dos corpos da era vitoriana para, o neoliberalismo, de controle-estimulação (FOUCAULT, 2016)

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza-se da metodologia bibliográfica tendo como foco textos de Michel Foucault (2015, 2016), Nancy Fraser (2009) para fundamentar a discussão que reflete sobre as transformações do poder e a armadilha que o movimento feminista caiu ao pensar que o neoliberalismo promoveria com a exaltação do corpo jovem nu, uma maior autonomia e liberdade sexual para as mulheres.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ocorre que, nas décadas de 1970 e 1980, feministas como Andréia Dworkin já se pronunciavam a respeito da pornografia, declarando ser de fato uma violência sistêmica contra as mulheres e claramente um fator de impedimento da igualdade civil entre homens e mulheres (DWORKIN, MAC KINNON, 1988) visto que reforça a ideia patriarcal de que as mulheres estão como objetos sexuais para servir homens, reconhecendo tal como a objetificação e exploração sexual das mulheres, posicionando-se contra os cafetões e pornógrafos. Contudo, algumas vertentes do feminismo, discordam da ideia de que a prostituição deveria ser compreendida como subordinação feminina, defendendo tal como empoderamento e liberdade de expressão sexual, corroborando com a consolidação de uma indústria que explora economicamente o corpo feminino, infantiliza e naturaliza a sua coisificação, estimulando inclusive a sexualização infantil. A rigor, a vertente liberal do feminismo, ao enxergar a pornografia e erotização do corpo jovem como algo libertador, fecha os olhos para todas as mulheres e crianças vítimas de exploração sexual.

De acordo com Foucault, o poder na medida em que defende algo, produz imediatamente uma resposta contrária, que podemos chamar de resistência, ou seja, ao passo que o poder prega a censura, ele simultaneamente gera a busca por liberdade sexual, a questão é que o poder se molda a essas respostas, formando portanto armadilhas que o beneficiam, como por exemplo, levantar

uma falsa bandeira de liberdade sexual, mas com a intenção de obter lucro por meio da exploração econômica dos corpos.

a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares e a batalha continua. (FOUCAULT, 2016 p. 83).

Em janeiro de 2018, atrizes de Hollywood organizaram uma campanha intitulada de Time's Up Now com o intuito de dar voz a mais de 300 mulheres que trabalham em filmes, televisão ou teatro com o intuito de denunciar o contínuo assédio de pessoas poderosas da indústria do entretenimento e promover a união feminina para quebrar o silêncio e combatê-los (NOW, 2017). Paralelamente a isso, atrizes francesas alertaram para os possíveis excessos do movimento promovido pelas norte-americanas. Um coletivo de 100 mulheres Francesas entre elas a atriz Catherine Deneuve, declararam em uma tribuna no jornal Le Monde temer a volta do puritanismo vitoriano e defendem que nem toda paquera insistente deve ser rotulada como agressão, e que isso pode inclusive gerar um retrocesso no movimento feminista no que diz respeito a liberdade sexual. (MONDE, 2018)

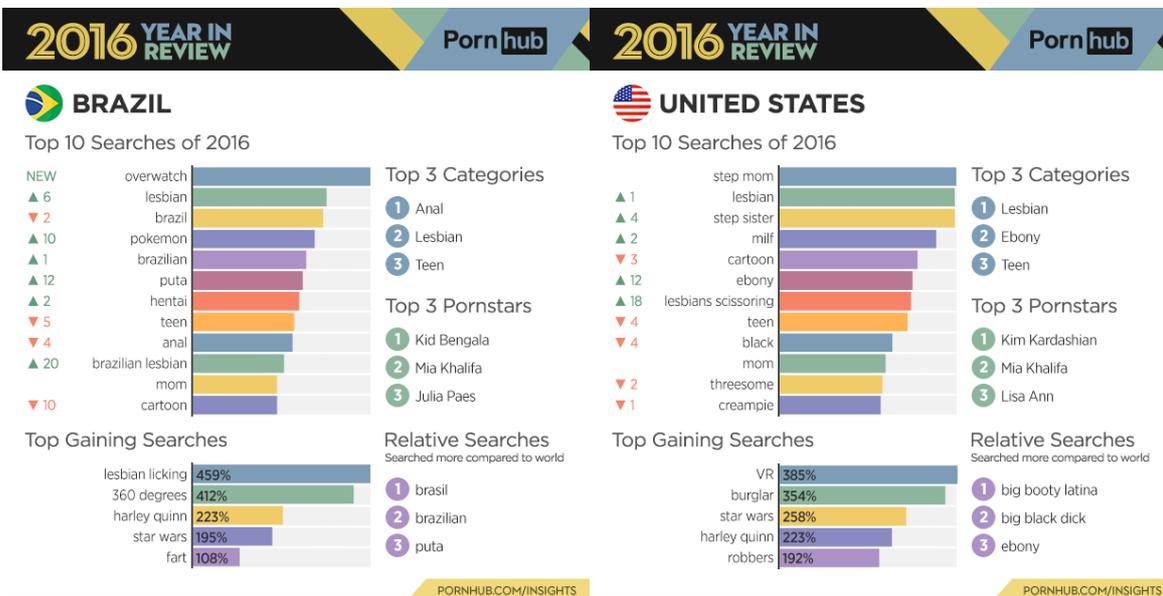
No Brasil, o estopim para abordar o assunto ocorreu em 2014 com o caso de assédio sofrido pela participante do programa Master chef Junior transmitido pela emissora Band no qual a Valentina, com apenas 12 anos na época, após a estreia do reality teve seu nome nos mais citados do twitter sendo alvo de inúmeros comentários pedófilos. O fato em questão, serviu de gatilho para a Ong Think Olga promover na mesma plataforma do episódio, uma campanha com a hashtag "meu primeiro assédio" que foi replicada mais de 82 mil vezes e pode constatar por meio de análise das histórias compartilhadas que em média, o primeiro assédio ocorre aos 9,7 anos de idade (OLGA, 2015) e que apesar de ser um fato revoltante o que aconteceu com Valentina, isso é algo recorrente na vida das meninas brasileiras, sendo suficiente 140 caracteres e uma oportunidade de tirar as mordidas em virtude de um ambiente mais acolhedor para os desabafos, que as mulheres puderam olhar para trás e relatar os primeiros abusos sofridos.

A mãe de Valentina só se pronunciou no ano seguinte em entrevista e afirmou discordar da alegação de que os autores dos comentários são doentes ou pedófilos, ela reitera que a maioria deles são simplesmente rapazes que receberam desde novos uma enxurrada de conteúdos que retratam a imagem de mulheres - ou pedaços delas - como meros objetos sexuais, e ainda aponta que através desse tipo de publicidade, que se constrói a cultura do estupro.(CLAUDIA, 2016).

Nesse âmbito, é necessário analisar o reflexo da erotização de meninas por parte da mídia, em casos como o da atriz Broke Shields, que em 1975, aos 10 anos de idade teria "consentido" em ser fotografada nua e com maquiagem pesada num ensaio sensual que foi divulgado pela revista Sugar&Spice da Playboy. A partir do fato descrito, passaram a surgir propostas de trabalho para a atriz mirim em filmes nos quais as personagens designadas a ela, que tinha entre 12 e 14 anos, são extremamente sexualizadas. Ela alegou após ter perdido judicialmente a quebra do contrato com o fotógrafo, para que suas fotos não fossem mais veiculadas, que aquelas imagens causaram danos irreparáveis a ela e danificaram sua carreira, afinal, Broke virou um símbolo sexual ainda criança.

A indústria pornográfica, apesar de não utilizar menores de idade em suas gravações, nitidamente escolhe atrizes que estão no limite de jovialidade que a lei permite, correspondente a 18 (dezoito) anos e, que de preferência aparentem ter menos idade. É possível identificar nos filmes pornográficos a infantilização e

submissão das mulheres - que não deixa de ser uma sexualização infantil – a fim de agradar ao público masculino. O ser humano tem seus desejos sexuais formados através do aprendizado do comportamento sexual a partir de sugestões externas (WOLF, 2018) e ao reproduzir essas imagens de jovens submissas, se naturaliza deseja-las, o que pode ser evidenciado quando são observados os gráficos de buscas de um site de pornografia, no qual a palavra teen esta entre as mais procuradas pelos usuários, não só no Brasil.



Fonte: <https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>

Diante disso, torna-se fundamental refletir acerca de tais dados, posto que a sociedade trata o sexo como tabu e se abstêm de conversa com as crianças, encerrando a sexualidade como segredo que pertence somente ao quarto do casal com a função de procriar, como fazia a burguesia vitoriana (FOUCAULT, 2015), tornando, dessa forma, a pornografia como única fonte de informação sexual - devido seu fácil acesso pela internet. Formando, assim, gerações que desenvolvem seus desejos e prazeres a partir de imagens que além de infantilizadas, também, mostram a humilhação e a violência feminina como “sexy”. Transformando o sexo terno e íntimo como algo entediante (WOLF, 2018)

4. CONCLUSÕES

A rigor, quando a sociedade silencia e forma um ambiente de vigilância e desconfiança das crianças – produzindo um contexto para que elas se envergonhem de suas sexualidades -, faz com que essas tenham como fonte de informação uma mídia que reforça a ideia de que o homem é sempre o sujeito da ação e a mulher o objeto da ação e que, em conjunto com a indústria pornográfica que fetichiza a violência e a imagem infantilizada da mulher e uma publicidade que erotiza e exalta o corpo jovem, resulta em cidadãos que não possuem noções dos limites do próprio corpo e dos corpos dos outros sujeitos no que tange o sexo, e que reproduzem por vezes inconscientemente, discursos que propagam a cultura do estupro e a pedofilia, já que constroem suas concepções acerca do sexo em um meio cultural que normaliza e incentiva a violência sexual de meninas. Posto que, apesar de ser evidente a mudança cultural promovida pelo feminismo, perduram ilesas as instituições que subjugam a mulher (FRASER, 2009) dificultando dessa forma a igualdade de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DWORKIN, A.; MAC KINNON, C. **Pornography & Civil Rights**. Minnesota: Organizing Against Pornography, 1988.

CLAUDIA. **Mãe de Valentina, do MasterChef, quebra o silêncio sobre o caso**. Claudia, 22 jun. 2016. Notícias. Acessado em 17 fev. 2018. Online. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/mae-de-valentina-do-masterchef-quebra-o-silencio-sobre-caso-de-assedio-e-muito-dolorido-ver-a-tua-familia-se-tornar-vitima/>.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FRASER, N. Feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, Londrina, v.14, n2, p.11-33, 2009.

MONDE. **Nous défendons une liberté d'importuner, indispensable à la liberté sexuelle**. Le Monde Fr, 9 jan. 2018. Tribune. Acessado em 20 mai. 2018. Online. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2018/01/09/nous-defendons-une-liberte-dimportuner-indispensable-a-la-liberte-sexuelle_5239134_3232.html.

NOW. **The clock has run out on sexual assault, harassment and inequality in the workplace**. Time's Up Now, 1 jan. 2018. Acessado em 30 mar. 2018. Online. Disponível em: <https://www.timesupnow.com/#ourmission-anchor>.

OLGA. **Hashtag Transformação: 82 mil tweets sobre o #primeiroassedio**. Think Olga, 26 out. 2015. Acessado em 17 fev. 2018. Online. Disponível em: <https://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>.

WOLF, N. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.